



A Ilustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. M. da Costa; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor. et.

SUMMARIO

TEXTO: — *Chronica*, por Azulay; — *A litteratura b azleira*, trad. de D. Guiomar Torrezão; — *D. Beatriz de Portugal* (continuação) por Alberto Pimentel; — *Jubios de maridos*, trad. por X; — *As nossas gra*

vuras; — *Perfis: Luz*, versos, por Luiz da Silva; — *Reminiscencias do imperador Guthermo*, por Castor; — *Um conselho por semana*; — *A rir*; — *Em familia* (passatempo); — *A vinganca de Mlady*, por Catulle Mécès; — *Segredos do campo*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS: — *O theatro Baquet do Port*; — *O esculptor José Simões d'Almeida*; — *Familia imperial allemã*; — *Modas*; — *Uma vista do Porto*.



O THEATRO BAQUET DO PORTO

CHRONICA

Do mesmo modo que uma familia se cobre de luto pelo seu chefe, uma cidade veste-se de crepes por uma catastrophe que enlucta a communitade. E' o que succede no Porto.

Desde o naufragio do vapor *Porto*, n'essa fatal viagem de recreio em que pereceram os filhos das principaes familias da cidade invicta, não tinham ainda corrido tão abundantes lagrimas, nem gemidos tão sentidos se haviam entrecruzado com os gritos dilacerantes dos paes procurando os filhos, á luz rubra e sinistra de um theatro em chammas.

Não iremos de certo descrever ao longo d'esta chronica, todas as medonhas peripecias d'essa terrivel tragedia; tão dolorosa tarefa foi desempenhada, com um escrupulo de detalhes horripilante, pelas folhas volantes, mais crueis ainda do que o telegrapho na sua furia de *reportage*.

N'este momento, desde o paralytico que jaz ignorado no seu leito, n'um recanto de provincia, até ao deputado arisco e palavroso (*verborraico*, segundo a nova definição de Eça de Queiroz), todos d'olhos dilatados sobre as folhas diarias, tem a mesma sensação crua, realista, dos cadaveres espatifados, negros, informes, arrancados d'entre o brazeiro enorme, espalhando no ar o fetido caracteristico de gorduras queimadas, e conduzidos religiosamente, sem se saber a quem pertencem, sob a bandeira sagrada da piedade universal, para a *morgue* improvisada no cemiterio de Agramonte.

Em nome dos cem mortos segundo uns, e dos sessenta e tres segundo outros, ousamos pedir a essa imprensa, que é uma força, porque leva o terror e a alegria a toda a parte, com uma extraordinaria eloquencia decorativa, que não se preocupe só com o *croquis* escripto, e se faça um pouco doutrinaria e caustica; apontando essas tremendas chagas sociaes — o egoismo e o desleixo, como as origens nefastas de todas as catastrophes que ameaçam aniquilar a sociedade portugueza.

O egoismo, esse veneno lethal que se infiltra nas fibras do nosso organismo social, é a lei suprema. Perante esse poder frio e impenetravel como o aço, caem todas as generosas dedicações, todos os ideaes levantados, toda a grandiosa philosophia da caridade e do amor do proximo. E' necessario combater esse monstro, custe o que custar, sob pena de nos afundarmos.

Porque, custa a comprehender como o egoismo humano é tão cruel, que depois dos incendios pavorosos da *Opera-Comique*, do *Ring-Theater* e ultimamente um theatro moderno em Inglaterra, não se haja dado por advertido, para levar entre nós, a esses centros de prazer e de estudo, a segurança pessoal.

Faz falta no nosso paiz uma lei de responsabilidade clara e definida. Uma lei especial para espectaculos e divertimentos publicos, onde se definam positivamente as attribuições das respectivas auctoridades e o grau de responsabilidade que compete aos empresarios. O que existe é uma anarchia vergonhosa, agravada pelo desleixo das auctoridades, pelo egoismo dos empresarios e pela ignorancia do publico.

No Porto, averiguou-se que o digno inspector dos incendios, a entidade mais competente para intervir em questões de segurança nos theatros, quasi sempre a mais desprezada, enviára á authoridade competente *dezenove officios*, além de um relatorio, indicando-lhe o risco que corria de ser devorado por um incendio o theatro Baquet. Não ligaram importancia ao excellente rapaz e brioso inspector, que é ao mesmo tempo commandante dos bombeiros voluntarios

Quando elle, sem duvida, sob a sua flegma de in-

glez, agarrava na penna para traçar o seu vigesimo officio, tão ameaçador, mas tão improficuo como os outros, pegou fogo no theatro.

Quantos officios, em Lisboa, não existirão na gaveta da secretaria do sr. governador civil?

Nós todos assistimos, não ha muito, a um duello temeroso entre a camara municipal de Lisboa e o governador civil. Deu origem a esta briga, um relatorio do inspector dos incendios de cá, o ainda não conselheiro Barreiros, expondo na sua mais elegante prosa a situação terrivel em que se achavam os theatros.

A camara, sempre solicita... em arranjar dinheiro para as suas magras ficanças, viu no citado relatorio um verdadeiro Potosi, e fez uma postura formidavel, que, a ser exequivel, se os theatros escapassem dos incendios, não se salvavam da bancarota.

Não se imagina o que foi por essa cidade. Empresarios desgrenhados subiam a quatro e quatro os degraus do senado e desciam com igual ancia os degraus da alcaidaria. Velas eram accendidas no altar do Senhor dos Empenhos. O ministro fugia para a sua bella quinta na Anadia. O brando marquez de Pomares envergava a farda e corria ás altas regiões do poder.

Resultado:—Recorre-se para o tribunal superior administrativo, e a postura é annullada, por se ver n'ella invasão de poderes.

Muito bem. Parecia que, depois de restabelecido o equilibrio de poderes, entre a camara e o governo civil, a magnifica lei de 18 de julho de 1855 ia ter uma esplendida interpretação e desdobrar-se em extraordinarias providencias; mas veio o malfadado desleixo portuguez e não se pensou mais em tal.

Consta que, n'este momento, o ministro do reino, incendiado em justa colera, vae arrasar com portarias todas essas Troias de papelão e agua-raz, que por ahi ameaçam o arcaboço indigena.

A preocupação, de momento, de todos os empresarios, não é mandar abrir novas saídas, nem alargar as coxias, nem adoptar outras medidas de resguardo; é escrever cartas a todos os conselheiros e *conselheiras* do seu conhecimento. Se fôr preciso, ameaça-se o ministério com uma morte affrontosa. E verão que o ministério... fica—com as mãos cruzadas.

O remedio, senhores, está no publico. As nossas auctoridades administrativas estão como os illustres e sabios medicos do imperador da Allemanha: cada uma tem a sua opinião sobre a lei que as auctorisa a intervir, apesar de saberem que o incendio é inevitavel. Em vista d'isto, só temos um recurso — não ir ao theatro em quanto os empresarios não nos garantam, com obras, esta cousa tão preciosa e que suas senhorias parecem desprezar tão profundamente—a nossa vida.

Verão, os senhores, como esta demonstração tão eloquente quanto economica commove gregos e troianos, isto é, governo e empresarios. Por que, fechando os theatros por falta de concorrência, haverá a crise que o ministro das obras publicas tanto parece receiar, se mandasse fechar temporariamente os theatros que não offerecem solidas garantias de segurança, até radical concert.

Podém, porem, os srs. empresarios, quer os que tenham mais cabelo no coração, quer os que são mais dados á lagrima epistolar nos jornaes, ficar descansados, que o nosso descuidoso bom publico, enervado pelo habito de não exigir a responsabilidade daquellas que o exploram, continuará a affluir ao theatro, esquecendo breve, na sua inquieta imaginação peninsular, a assombrosa desgraça que se poderia ter evitado.

Os theatros de Lisboa, medonhamente acanhados, sem depositos de scenario, sem saídas sufficientes, sem fiscalisação da auctoridade especial n'estes assumptos,

com uma iluminação impossível, com regulamentos internos ao arbitrio dos empresarios, constituem a nota mais impressionista do nosso governo, da nossa administração, e, diz-se tudo, do nosso caracter nacional; porque, só um povo indolente, sem exigencias, sem energias, sem o conhecimento dos seus direitos e sem a consciencia da sua força, é que tolera taes auctoridades.

O outro facto que assombrou tambem o publico e que constituiria certamente o assumpto capital da semana, se não fôra o incendio, foi o julgamento das parteiras. Não teve as peripecias dramaticas, os gritos lancinante, e commoventes; antes pelo contrario, a nota do ridiculo scintillou em gargalhadas joviaes de um bello humor burguez. O drama transformou-se em opereta de Offenbach, a que não faltaram os carabineiros, queremos dizer, os policias.

Se tal processo para alguma cousa serviu, foi para mostrar que tudo na nossa desventurada sociedade precisa de uma profunda remodelação: leis, costumes, policia, etc. Não é só sobre os theatros, que devem cair os nossos adjectivos indignados.

O processo das parteiras é uma grande vergonha e um symptoma terrivel; mas da maneira porque foi urdido, não produziu outro resultado, senão o de mostrar a corrupção profunda das nossas auctoridades.

AZULAY.

A LITTERATURA BRAZILEIRA

Referi-me ha dias, n'este mesmo logar, á impressão torturante, á dolorosa fadiga, proveniente da violenta nevrose mental, reflectida em toda a obra moderna, que deixam hoje no nosso desflorado espirito a maioria dos livros francezes.

Conheço um antidoto para esse veneno subtil, que se introduz lentamente no nosso organismo, que murcha sem attenuantes as ultimas flores da nossa crédula mocidade, que perverte na sua origem os mananciaes purissimos da fé que illuminara o nosso berço e que não pôde já hoje cobrir com o seu fulgor divino a pedra tumular ou a cova rasteira, onde dormiremos o nosso ultimo somno.

Esse antidoto é a poesia brazileira, desatando-se em estranhas pompas de vegetação indomita, desabrochando ante o nosso olhar maravilhado a exuberante florescencia de uma arte ainda não contaminada, de uma arte que encerra todas os juvenis enthusiasmos, todo o frescor uberrimo, toda a impetuosa força creadora inherente a um mundo que renasce, a uma nova geração de fortes e de crentes, a quem a vida não disse ainda a ultima palavra, e para os quaes o futuro é ainda o prestigioso oraculo, que tem nos labios o ineffavel sorriso da esperança inextinguivel e que tem no olhar a luz bemdita da crença.

Em quanto o pobre lyrismo inoffensivo é despiadosamente assassinado pelos poetas gaulezes, passando alternadamente pelas mais atrozes humilhações que podem ser infligidas a um dialecto filho das musas, sendo chicoteado nas proprias barbas pelas *Blasfemias* de Richepin, um curioso exemplar do hysterismo masculino, digno de atrair a attenção de Charcot, e pelas *Nevroses* de Rollinat, sendo flagelado pelos parnaseanos, que fizeram da poesia oamaneirado artefacto da joalheria litteraria, sendo apostatado pelos falsos apóstolos, que outr'ora celebravam ostensivamente os mysterios do seu culto e pré-gavam as excellencias da sua doutrina.

Em quanto o naturalismo, embora resvalando já hoje no plano inclinado que o conduzirá dentro em pouco aos insondaveis abysmos do limbo, invade, destróe e mutila, sob pretexto de respeitar a verdade, expondo a brutalmente nua e exageradamente medonha nas paginas dos livros, nos marmores e nas telas; em quanto a sciencia, symbolisada por um mocho, ensombra com as suas azas negras as regiões ethereas onde pairava outr'ora o ideal, invocado pelos nossos sonhos e acariciado pelas nossas intimas aspirações.

Em quanto a arte deixou de ser, no Occidente, um culto espirital para se metamorphosear em um officio materialista, cuja tarefa parece concretisar-se em derrubar o que outros construíram, em negar o que outros affirmaram, em escarnecer impiamente de tudo que constituia outr'ora o segredo da nossa fé o

credo da nossa religião, a ignorada força que nos amparava na hora tragica em que a vida mentia á nossa expectativa, arrancando-nos todas as illusões e patenteando-nos, em toda a sua melancolica realidade, a solução d'esse complicado problema que se chama o destino.

Em quanto as musas gaulezas assumiram o aspecto de Rigolboches, renegando os seus antigos symbolos e desertando dos templos para correrem ás *brasseries*, os poetas brazileiros, fleis ao seu deus, inspirados pelo seu bello céu azul, constellado de estrellas, pelas suas umbrosas florestas, exuberantes de flores, cantam no Oriente o eterno amor, a eterna juventude, a immortal belleza, a crença, a fé, a virtude, tudo quanto a terra possui de melhor, tudo quanto a alma do homem encerra de mais idealmente bom.

E cada um d'esses formosos livros que o Brazil me envia, que eu leio com avido interesse, com a profunda e vibrante sympathia do meu coração de mulher e de artista, cada um d'esses admiraveis poemas atravez dos quaes avisto as iuxuriantes opulencias da natureza tropical, com as suas mattas virgens gotejantes de seiva, com os seus jardins colossaes, onde as arvores, as flores, as borboletas, os arbustos e as aves tem o prismatico colorido deslumbrador, que Fromentin soube fixar nas suas telas do Oriente e que os poetas americanos sabem reviver nas suas estrophes harmoniosissimas, onde a paixão flammeja, brotando imperiosa, dominadora e inebriando-nos com os seus estranhos filtros capitosos. Cada um dos livros de Machado de Assis, de Damasceno Vieira, de Raymundo Correia, de Franklin Doria, de Sylvio Dinarte, de Luiz Guimarães, de Narciza Amalia e outros, trazem-me como que um vago aroma de mocidade, a irradiação de outro céu longiquo que me seduz, de outros horisontes inundados de roseo esplendor, de outra vida, ainda susceptivel de enthusiasmos generosos, de sensibilidades impulsivas, de creaças ingenuas e puras, que me attraie e enamora. São esses versos impregnados de estranhos perfumes, palpitantes do lyrismo subjectivo onde se espelha um coração ebrio de amor, e essa poesia tão sincera, tão desartificiosa, tão humana e tão vivida que suavisa a minha pobre alma, pungida por outras leituras, entristecida por outros desencantos, ferida mortalmente pela doentia negação, pelo feroz positivismo e pelo brutal materialismo da nossa epoca.

Tenho sobre a minha meza de trabalho o ultimo livro de Damasceno Vieira, o delicado e subtil poeta da *Musa Moderna*.

Esse livro, que contém doze esplendidos contos, de uma factura profundamente moderna, intitula-se *Noites de verão*.

Noites de verão!... *Noites dos tropicos, banhadas pelo clarão argenteo do cruzeiro do sul, embuscadas nas enredadas lianas, onde a baunilha enrosca os seus cachos de velludos e o sabiá gorgeia a trova dos seus epithalamios!*...

Hei de ainda fallar-lhes detidamente d'este bello livro, onde o talento de Damasceno Vieira nos apparece sob um novo aspecto, surprehendendo-nos pela espontaneidade do seu estylo de contista moderno e pela acuidade do seu processo descriptivo.

Direi desde já que prefiro o poeta ao prosador, como prefiro em geral, sempre que se trata de apreciar um livro brazileiro, os versos á proza.

Os artistas americanos, exceptuando algumas eminentes individualidades, não estão positivamente ao nivel do celebre aphorismo de Alexandre Dumas filho: *quand on épouse la prose il faut la rendre mère, sinon elle divorce et nous plan'e lá*.

Os escriptores brazileiros peccam pelo defeito das suas brilhantes qualidades; a sua prosa tem a curva musical do verso, a morbidez, voluptuosamente suggestiva e languidamente cariciosa, que constitue o principal encanto da sua florente poesia.

Essa prosa põe-na no ouvido a bizarra sensualidade que fez do brazileiro fallado um dialecto portuguez e contra cuja fixação definitiva na lingua, a litteratura escripta todos os dias protesta, na sua teimosia de ainda insinuar a velha preponderancia portugueza, na constituição da joven nacionalidade. (1)

Aquella *soutache* poetica que a bocca emite, diz Fialho de Almeida, articulando os beijos em buraco de flauta, e nos pluraes sifla os ss como uma chuva d'orvalho cabida de nectareas de fuchsias, sobre as divinas mãos d'uma mulher: aquellas construcções grammaticaes, onde o pronome precede o verbo, como bem *Me disse, Me adora...* e em que os finais das palavras se retraem pela omissão dos suffixos caracteristicos, como em *sinhá, cantá,* etc.

Entretanto, nas *Noites de verão* sente-se um grande esforço emancipador; o idioma aformoseia-se, retempera se, avigora-se.

No prefacio, o author allude aos contos de Catulle, de Jeanne Thilda, de Maupassant, de Zola, de Houssaye e de Ramalho Ortigão, cuja influencia preponderante resalta na coloração do estylo, na modelação do vocabulo e na sobria e firme delineação do traço descriptivo.

Damasceno Vieira é ainda um amoroso, ebrio de todas as multiplas fragrancias da sua luxuriante natureza oriental, mas começa tambem a ser um sagaz analysta, um lucido psychologo, empenhado em investigar no fundo da alma humana as complexas e tumultuosas paixões que ahí se occultam.

Mas nos seus contos, como nas suas lyricas, Damasceno Vieira retrahe-se ao morbido contagio do pessimismo moderno, do naturalismo pornographico.

A musa do poeta tem a alvura nitente dos cysnes, boiando em um lago azul bordado de nenupharas.

E' precisamente essa natural attracção que o bello exerce sobre a concepção americana, é esse optimismo, embora, por vezes, puerilmente afeminado, que fulge na poesia brasileira e que a caracteriza e assigna de uma profunda originalidade, no meio de toda a obra artistica do nosso tempo; é essa ingenuidade dulcissima n'essa robustez indomita, que faz de cada um dos livros com que me distinguem os meus companheiros de trabalho d'além do Atlantico, uma das minhas mais queridas, mais suaves e mais gratas leituras.

GUIOMAR TORREZÃO

(1) Theophilo Braga: *Farnaso portuguez moderno*.

D. BEATRIZ DE PORTUGAL

(Continuado do numero 35)

V

A situação era realmente difficil para Carlos III. Precisava um Cyrineu dedicado, e encontrou-o em sua mulher, D. Beatriz de Portugal.

A duqueza acompanhava, de Turim, todos os acontecimentos importantes, e aconselhava resolutamente o marido.

Citaremos um trecho de uma carta sua, varonilmente enérgica, escripta ao duque:

«Quant a la ligue de sept cantons suisses quoy que le pape saiche dire ie vous conforte si vous la pouvez conclure a la la fere car la nature du mechant n'est que de voir a grandir vos voisins et sa mayson pour ruiner s'il pouvait la votre ou votre etat et tous les autres quelque dissimulation quil face au contraire.»

Como se sabe, depois do tratado de Madrid, tão vexatorio para a França, recomeçara a lucta entre Francisco I e Carlos V.

Foi pela Italia que as hostilidades principiaram, sangrentamente. Toda a gente conhece as crueldades commettidas pelo exercito de lutheranos, que o duque de Bourbon commandava. E toda a gente sabe que pelo desastre de Landriano foram os francezes expulsos da peninsula italiana.

Carlos V, victorioso, entrou na Italia, realiso a sua annunciada visita, que tinha por fim fazer com que os senhores dos pequenos estados italianos reconhecessem a sua suzerania e com que o papa Clemente VII o corrasse rei de Italia e imperador.

Então, a França teve de assignar um novo tratado pouco menos vexatorio que o de Madrid: o de Cambrai.

Todavia, a situação do Piemonte não melhorára. As devastações continuavam. Carlos III lembrou-se de recorrer á intercessão de D. João I: de Portugal. Para isso solicitou uma carta de sua mulher, para o irmão, carta de que foi portador um cavalleiro saboyano, de nome Honorato Cays.

O resultado d'esta missão diplomática, em que D. Beatriz interveiu, não o conheceu Claretta.

Mas era esse o momento em que Carlos V devia realisar a definitiva submissão da Italia.

Todos os principes d'aquella peninsula rodeiaram o imperador suzerano: Carlos III, teve, junto de Carlos V, um lugar de honra. D. Beatriz offereceu ao imperador uma coberta de leito, do valor de dez mil escudos, e Carlos V presenteou-a, em troca, com quatro vestidos de igual valor.

Terminada a cerimonia da coroação, D. Beatriz regressava a Turim, sempre intendendo *all'amministrazione e buon governo dello stato*, diz Claretta.

Mas D. Beatriz não havia perdido politicamente o tempo que estivera em Borgonha. Induzira o imperador a ceder-lhe, e aos seus descendentes, o condado de Asti e o senhorio de Chevasco e Ceva, que, pelo tratado de Cambrai, a França havia cedido a Carlos V.

A carta de doação, escripta em latim, e assignada pelo imperador, tem a data de 3 de abril de 1534. Carlos V encarregou o gentilhomem D. Gutierrez Lopes de Padilla de legalisar a investidura, que foi celebrada solemnemente.

Os habitantes do condado de Asti festejaram este acontecimento com demonstrações de grande jubilo, e resolveram fazer á duqueza D. Beatriz uma doação de dez mil escudos de ouro.

Em verdade, bem precisada estava de auxilios pecuniarios D. Beatriz.

N'uma carta ao duque dizia ella:

«Touchant ma despense monseigneur pour contenter partie de ce que est deheu tant seullement du vin et vous plaira nen estre marry vous asseheurant que la crierie et l'extremité y estoit plus grosse que ie ne vous ay jamais escripte.»

Parece mais uma carta de uma boa mãe de familia burgueza, informando seu marido, com uma grande dedicação conjugal, do mau estado das finanças domesticas. do que a carta d'uma princeza, bella e joven, dirigida a um marido pobre e *um pouco azumbado*, como lhe chama o auctor do codice citado por Herculano.

A figura lacrimavel do desditoso trovador Bernardim Ribeiro apaga-se lentamente, até diluir-se no esquecimento, se procuramos enxergal-a através da dedicação politica e domestica com que D. Beatriz de Portugal encarou os seus deveres de esposa de Carlos III de Saboya.

Abi tem o leitor a plena confirmação de quanto lhe haviamos annunciado.

N'essa mesma carta refere-se D. Beatriz aos disturbios que occorriam entre os habitantes de Fossan, sendo que os banidos da povoação tinham derrubado uma grossa muralha. E accrescentava:

«Mais la diffulté est quil ny a moyen d'anoir argent pour eur gens pour y enuoyer et sans y fere quelque bonne entreprinse et demonstration de iustice la chose ne peult tomber que a pis.»

As circumstancias pecuniarias da côrte de Saboya tornaram-se cada vez mais apertadas, a ponto de não haver dinheiro para pagar aos fornecedores.

D. Beatriz, filha do opulento rei D. Manoel, não tinha uma palavra de queixume ácerca da má situação financeira da sua casa, como seria natural que tivesse, especialmente n'essa conjuntura, se, contrariando uma paixão mallograda, houvesse sido compellida a um casamento que lhe repugnasse.

Oçamol-a:

«Au regard du duc d'Albanie sil treuve peu pour bien trecter et par faulte d'argent et mon'poullalier ne vout plus fournir a cause qui lui est deheu pres de mil florins et a mon bouchier environ quatre ou cinq cens escuz auquel j ay rebattu da part de la composition du Carignan tousiours en deduction de ce quen luy doibt et por non auoir argent soue constrainte dacheter sur la place de ceste ville a mespris.»

Devendo ao fornecedor de aves e até ao talho—oh prosa vil das realidades do mundo!—a bella princeza de Portugal via-se obrigada a mandar comprar á praça, como toda a gente!

Tendo de receber como hospedes alguns capitães do imperador, que a encontraram em Rivoli e a acompanharam por distincção palaciana até Turim, dizia D. Beatriz ao marido:

«Reste Monseigneur que ie suis assez mal en ordre de caddretz dune naugiere potz flascons platz chandelliers et aultre veisselle dargent. Et ne scay si le duc de Millan viene comme le pourray recepuoir a votre honneur et myen. Semblablement n'ya icy aulcune tapisserie ny donzelletz de soy combien que iay fait accoustrer le chasteau au myeux que ma este possible.»

Nem baixella, nem tapessaria, nada! A isto estava reduzida uma filha de D. Manoel de Portugal, forçada aliás, pela sua alta posição social, a receber como hospedes os generaes de Carlos V.

Mas não era só a falta de dinheiro a unica difficuldade que tinha a vencer.

No dia 15 de agosto de 1532, foi D. Beatriz, com seu filho, á igreja de S. João. Ahi travou-se uma grave rixa entre os senhores de Racconigi, de Masino, o governador d'Asti e o conde de Tenda. Houve quem dissesse á duqueza que essa rixa seria um pretexto para ferir o principe, seu filho, que tinha consigo. D. Beatriz, mostrando uma interpedez admiravel, mandou suspender a missa, e retirou-se para o côro com o filho, com o prior de Lombardia, com o abbade Capris, e alguns mais personagens. Acudindo alguns cidadãos armados, que guardaram as pessoas da duqueza e do príncipe, D. Beatriz ordenou que o templo fosse evacuado e, com a intervenção do bispo de Nizza, fez reconciliar os contendores.

Ella propria deu noticia d'este acontecimento a seu marido dizendo-lhe:

«... et le commencement du debat a tyrer les epes ont este les vallets de sorte quy sont venus aus meytres tant quy ly auet byen synt sans espes desgenes dedans le glise et de sorte quy la faglu layser de dyre ma messe pour me retirer et jey heu peur pour ce que tous me disoynt que je retyrasse mon fys cuydand quy fut este fet tout espres tolefoys ce na este synon chose quy tochet a tus memes...»

Quando a gente delatrea á luz d'esta realidade cruel a biographia de D. Beatriz de Portugal, como que sente em torno de si um esvoaçar de aves que fogem amedrontadas, para não mais voltar.

São as ficções da sua lenda poetica—a lenda com que a nossa infancia foi embalada—que debandam espavoridas e batidas, para o paiz azul d'onde vieram...

(Continúa).

ALBERTO PIMENTEL.

JUBILOS DE MARIDOS

(DE A. HOUSSAYE)

Era n'um baile de mascaras. Mal poderia dizer-lhes dos qui-proquos que iam pelo meio d'aquellas quadrilhas.

As francezas succederam ás italianas na arte de representar embroglios.

A que tinha o dominó azul vestiu o dominó côr de rosa e vice-versa, de sorte que os dois foram illudidos quando voltaram a dar lhes o braço, julgando cada um d'elles que era a mulher do outro. Nunca as duas se tinham mostrado tão ternas e insinuantes. Os sujeitos estavam absortos com a sua boa fortuna.

—O que!—dizia um—a mulher de um prefeito, e eu que a julgava tão virtuosa! Nunca me disseram nada a este respeito! No fim de contas sou um homem irresistivel, tanto peor para o prefeito.

—Caspitê!—exclamava o outro—eis-me em maré de ventura



O ESCULTOR JOSÉ SIMÕES D'ALMEIDA

Este merece especial menção.

Um pae da patria e um ex prefeito do Imperio tinham querido ir á festa sem as mulheres; mas estas, que são primas, combinaram-se para lá ir sem elles saberem.

Como era natural, queriam intrigar os maridos. Deus sabe com que delicias ellas prelibavam o prazer da vingança!

Começaram por inquietal-os sobre as consequencias da sua ausencia

—Como—diziam as ladinhas—pois teem animo de deixar duas pobres mulheres em casa? teem a certeza de que ellas não sairão tambem? quem lhes diz que não irão passeiar para o Bois e fazer amor ao luar?

—Ora adeus—observou um dos maridos—nós conhecemos perfeitamente as nossas queridas mulheres: são umas pombinhas que ficarão fiando nas suas rocas até á hora de se deitarem.

—Cautella! Penelope tambem fiava na roca, e todavia Ulyses não andou mal avisado em apparecer...

Os dois maridos reconheceram as mulheres. Foi a primeira scena da comedia.

Mas o ardil d'ellas é que devia ir mais longe. Volvido um quarto de hora tinham-se metamorphoseado.

com a mulher do meu amigo! Paciencial tanto peor para elle! Não se me dá de pregar esta peça á Republica. Estes deputados da opposição imaginaram reformar os costumes; era melhor que reformassem as mulheres.

E era qual d'elles havia de ser mais terno e eloquente. As duas estavam seduzidas a ponto de não fallarem senão em deixar o baile para irem dar um passeio pelo Bois, n'essa bella noite de luar, a fim de gozarem livremente dos seus amores.

Os dois maridos estavam um pouco inquietos.

—Sim,—dizia um—deve ser um passeio encantador, mas se o seu marido dá pela sua ausencia?

—Meu marido! E é o senhor que me falla n'elle, quando só penso em esquecel-o por sua causa!

Uma vez proferida esta phrase abrazadora, encaminharam-se para a porta do jardim, metteram-se n'uma carruagem e eil-os a caminho do Bois.

Os outros dois faziam o mesmo, com equal abandono e enthusiasmo.

Foi um verdadeiro idyllio nocturno acompanhado pelo assobio dos melros, aves encantadoras, que só vieram habitar Paris para correrem os parisienses a assobio.

—Como é bello o amor!—dizia o outro abraçando o dominó côr de rosa.

O dominó azul era em extremo sentimental.

O pae da patria nunca tinha subido á tribuna com commoção egual á que sentia beijando a mão da esposa.

—Quem me diria que o dia mais feliz da minha vida—murmurou o prefeito—havia de trajar um dominó côr de rosa.

As senhoras resistiam-lhes de um modo encantador. Por muito favor, uma d'ellas consentira em descalçar uma luva, a outra mal se dignou encostar a fronte aos labios do amante improvisado.

A comedia não podia prolongar-se por muito tempo. Os dois maridos vieram a reconhecer que estavam fazendo a conquista das respectivas consortes.

Uma deu uma bofetada no seu, em consequencia de o achar demasiadamente amavel com ella julgando que era a amiga; a outra não lhe perdoará nunca o tel-a engarado comsigo mesma, segundo diz. Que prova isto como estudo do coração humano?

Para Montaigne ou para Erasmo era assumpto para um livro. Talvez que eu o escreva um dia; por agora contentar-me hei com dizer que é necessario dar bailes de mascaras para bemquistar os maridos com as mulheres e vice-versa. Estou certo de que tanto o dominó azul como o côr de rosa sabem presentemente quaes os processos de despertar o amor adormecido.

X.

AS NOSSAS GRAVURAS

O THEATRO BAQUET DO PORTO

O facto de reproduzirmos hoje esta gravura, explica-se com a noticia do pavoroso incendio que acaba de destruir completamente o o theatro por ella representado e de consumir dezenas de vidas.

O theatro Baquet, situado na rua de Santo Antonio, fôra mandado construir por Antonio Pereira Baquet, alfaiate francez, fallecido ha annos no Porto.

O interior do theatro, comquanto pouco magestoso, não era deselegante.

Tinha primitivamente 68 camarotes distribuidos em tres ordens; varandas, galeria, plateia, e duas frisas de bocca.

Para entrar na plateia era preciso descer dois lanços de escadas, havendo apenas, antigamente, uma entrada franca pela rua de Santo Antonio.

Lançou-se a primeira pedra a 22 de fevereiro de 1859, e concluíram-se as obras a 13 de fevereiro de 1860.

A 19 de julho realisou-se o primeiro spectaculo com a comedia drama, *O segredo de uma familia*, original do actor José Carlos dos Santos e representada pela companhia do Gymnasio de Lisboa.

Uma estreita porta dava serventia para o serviço da caixa do theatro, pondo-a em communicacão com a antiga viella da Neta.

Se n'esse tempo tivesse havido um incendio no theatro Baquet, o numero de victimas seria por certo muito maior.

Os espectadores da plateia difficilmente se teriam salvo, porque ser-lhes-ia preciso vencer as escadas para chegarem ao atrio, onde a confluencia dos espectadores, que saíssem dos camarotes, tornaria enorme a confusão.

Ha annos, porém, a expropriação de varios predios tinha modificado um pouco as pessimas condições do theatro Baquet, abrindo mais facil communicacão com a rua de Sá da Bandeira, sendo construida uma fachada do theatro sobre esta rua.

Cumpra dizer que esta communicacão completava, na mente do alfaiate Baquet, o plano do theatro. Mas Antonio Pereira Baquet morreu sem que os casebres da antiga viella da Neta fossem expropriados e a rua ampliada.

O seu successor, o alfaiate Assis, tomou muito a peito, em beneficio do theatro, este melhoramento municipal, mas não podemos dizer agora se sim ou não o viu realisado, porque o Assis sobreviveu poucos annos a Pereira Baquet, de quem fôra contractante, e com cuja viuva casára.

Mas a rua Sá da Bandeira abriu-se, e, como dissemos, as condições do theatro Baquet, pessimas com relação á segurança publica, melhoraram um pouco.

Ainda assim, sob este ponto de vista, era um dos peiores theatros do Porto.

A primitiva fachada do theatro Baquet, sobre a rua de Santo Antonio, fôra desenhada por Guilherme Corrêa. Era de architectura simples e coroada por uma varanda de pedra, ornada de quatro estatuas, representando a Pintura, a Musica, a Comedia e a Arte.

A primeira ordem ficava ao nivel do salão. Os espectadores da primeira ordem eram pois os que mais facilmente podiam salvar-se em caso de sinistro.

O botequim ficava no subterraneo, ao nivel da plateia, talvez a dez metros de profundidade da rua de Santo Antonio!

No theatro Baquet representou Emilia das Neves, ainda nos seus tempos aureos. Fizeram-se-lhe ali ovações estrondosas.

Ernesto Rossi tambem ali representou da primeira vez que esteve em Portugal.

O ESCULTOR JOSÉ SIMÕES D'ALMEIDA

Damos hoje o retrato do talentoso escultor, José Simões d'Almeida, um dos nossos mais notaveis artistas.

Discipulo da Academia de Lisboa, Simões d'Almeida foi, terminado o curso, completar a sua educacão artistica na Escola das Bellas Artes de Paris, sob a direcção do eminente escultor Joubroy, de quem falla sempre com grande respeito e admiracão.

De mediana estatura, mas robusto e na força da vida—Simões d'Almeida tem 43 annos—o artista não descança, e é já consideravel o numero das suas obras, apesar do pequeno movimento do nosso mercado artistico. Nos palacios reais, na residencia d'alguns opulentos amadores, nas praças publicas de Lisboa e Evora, em alguns edificios da colonia portugueza do Rio de Janeiro, veem-se estatuas que honram o seu nome, e ultimamente a cidade de Aveiro encarregou-o de esculpir a figura do seu mais glorioso filho—o nosso maior orador—José Estevão.

O artista representou o eminente tribuno, já descoroadado da juba leonina, opulenta e revolta como a sua palavra, já sem o aspecto romantico, reflexo d'esse periodo de luctas e de batalhas, mas, se menos agitado e violento, mais imponente e mais olympico, agora que os annos, amadurecendo-lhe o formosissimo talento, lhe haviam tambem dilatado a fronte, como para deixar maior logar ás corôas dos Demosthenes e dos Mirabeau!

Assim o vimos nos seus ultimos annos; assim o vimos tambem quando, no meio da camara silenciosa, elle se ergueu solemne, e proferiu aquelle assombroso discurso da *Charles et George*. Era aquella a sua figura, aquelles o gesto e o movimento, quando ia vingar a bandeira nacional e a patria!

Depois de completar a estatua de José Estevão, Simões d'Almeida fez, para a igreja de Santa Maria de Belem, uma bella imagem de Jesus Christo, que, por si só, lhe daria renome, se elle não o tivesse ainda.

O escultor estudou conscienciosamente a figura de Christo sob o ponto de vista historico e artistico, antes de a pôr em execução; observou minuciosamente todos os pormenores, e desde a fórma e dimensões da cruz até á postura e ás mais pequenas flexões dos membros, tudo elle examinou e criticou detidamente antes de o realisar. A sua obra ficou, portanto, um trabalho magistral, pela expressão do rosto, pelo conjuncto das linhas, pela correcção do desenho e pelo rigor da anatomia.

Outra obra verdadeiramente notavel podemos citar, entre as melhores de Simões d'Almeida, cinzelada em marmore de Carrara. Esta não é uma estatua, é um busto, quasi meio corpo. Uma rapariga com os cabellos envoltos n'um lenço e as roupas em desalinho, encosta á face as mãos postas com os dedos inclavinados, como se estivesse possuida d'uma grande dôr intima. A posição dos braços descobre um pouco os seios ainda innocentes da puberdade, e o rosto reflecte o doloroso sentimento que a domina; n'aquella posição parece contemplar algum ente querido, que acaba de perder. Os olhos não teem côr, mas a gente lê n'elles a expressão da angustia e ao mesmo tempo da resignação.

Emfim, um trabalho de mestre.

FAMILIA IMPERIAL ALLEMA

A nova imperatriz, Victoria Luiza.—O principe imperial, Guilherme.—A princeza imperial, Victoria.—O filho mais velho do principe imperial, Guilherme.

A nova imperatriz da Allemanha, Victoria Luiza, a Inglesa, como lhe chamam n'alguns circulos de Berlim, é filha da rainha Victoria de Inglaterra e desposou em 25 de janeiro de 1868 o actual imperador, Frederico III.

A imperatriz Victoria é uma mulher encyclopedica, segundo se diz. Escreve memorias politicas, carteia-se com philosophos, esculpe, pinta, compõe sonetos, faz projectos architectonicos, etc.

Paulo de Vasili traçou d'este modo o seu perfil, ha dois annos:

Tem grande intelligencia natural, mas uma leitura tão vasta, que a superabundancia de idéas prejudica-lhe em certos momentos a sua coordenação.

A força de que dispõe dá, por vezes, o resultado de lhe obscurecer a limpidez das idéas de que se apodera e das opiniões que professa.

Não procura o espirito de cecasião; são tantas as riquezas que possui, que cbrigada a reprimir-se, falla um tanto por maximas, como escrevia La Rochefoucauld.

FAMILIA IMPERIAL ALLEMÃ



A PRINCEZA IMPERIAL, VICTORIA



O FILHO MAIS VELHO DO PRINCIPE



A NOVA IMPERATRIZ, VICTORIA LUIZA



O PRINCIPE IMPERIAL, GUILHERME

UMA VISTA DO PORTO

Deve desagradar-lhe o mundo. Não gosta d'elle e despreza o de certo, visto como se encontram nos seus saraus pessoas como se não encontram n'outra parte, e que em casa d'ella se affastam da grande roda. Nada faz para merecer a classificação de senhora da alta sociedade, mas possui em compensação o sentimento—e poderia dizer-se que o orgulho—da propria superioridade como princeza. Um nada a desprende ou a exaspera; mas sempre que se tratar de sustentar alguma idéa, porá em campo uma resistencia resoluta, capaz de triumphar de todos os obstaculos.

Occupa-se de politica, e tem sobre este ponto opiniões proprias, que nem sempre são as admittidas pelos que mais proximo convivem com ella. Por isso vae frequentemente a Italia, a pretexto de satisfazer gostos artisticos, para não ter de approvar o que lhe merece censura ou para não fazer concessões no que intimamente prohibe.

É sincera e resolutamente liberal, e isto constitue um dos mais graves pretextos para as censuras que se lhe fazem. São muito tensas as suas relações com a imperatriz; são-n'o menos as que tem com o imperador. Pela affeição e pelo saber, ella influe illimitadamente sobre o marido.

* * *

O principe Guilherme, herdeiro do throno allemão, actual *kronprinz*, nasceu em Berlim a 27 de janeiro de 1859.

Um biographo disse d'elle:

•E' um rapaz de espirito, com força de vontade e coração, e um futuro deante de si. Além d'isto, é valente, emprehendedor e ambicioso; uma cabeça leviana, mas um coração d'oiro; sympathico no mais alto grau; um character cheio de vivacidade, de brio e de movimento, e tão incisivo na replica, que chega a não parecer allemão. Adora o exercito e é por elle adorado. Apesar da sua extrema mocidade, tem sabido tornar se popular em todas as classes da sociedade; é instruido, faz projectos para o bem estar do seu paiz, e tem uma aptidão notavel para comprehender tudo o que se relaciona com a politica.

Ha de ser com certeza um homem distincto, e, muito provavelmente, um grande soberano; a Prussia talvez venha a ter n'elle um segundo Frederico, o Grande, mas sem o scepticismo do primeiro, e possuindo uma certa dóse de alegria e bom humor, que attenuarão algumas durezas, que, como um verdadeiro Hohenzollern, elle tem no seu character.

Como rei ha de ser essencialmente um rei pessoal; não se deixará governar; terá um espirito são e recto, prompta a decisão, a acção energica, a vontade firme. Quando subir ao throno, continuará a obra de seu avô, e desmanchará a de seu pai, seja ella qual fór. Os inimigos da Allemanha terão n'elle um adversario terrivel: póde vir a ser o Henrique IV do seu paiz.

O seu maior defeito é gostar muito de mulheres; tem muitas amantes, e póde um dia encontrar alguma favorita que o governe. A princeza, sua mulher, vale muito pouco para poder exercer a menor influencia sobre a fogosa organização do principe, que já faz pouco caso d'ella, e que não tardará que a abandone completamente, porque ella não possui encanto algum que o atraia e prenda. Não é provavel que o principe se deixe jámais cair nos laços d'uma mulher sem intelligencia; e pelo que respeita aos seus amores actuaes, são relações sem consequencia. Emquanto elle continuar a satisfazer as suas paixões nas classes inferiores da sociedade, não haverá perigo; mas se um dia a sua attenção fór despertada por uma mulher da alta sociedade, então deveremos observar as suas acções com grande cuidado, e é só por esse lado vulneravel que poderemos julgal-o definitivamente.»

A princeza imperial, Victoria, que o *Kronprinz* desposou em 27 de fevereiro de 1881, é filha do duque Frederico de Schleswig-Holstein.

Pouco se falla d'ella, e, segundo as notas biographicas que acima publicamos, relativas ao principe imperial, não possui encantos que atraiam e prendam.

Do seu consorcio com o *Kronprinz*, tem nascido tres filhos. Damos hoje o retrato do mais velho d'elles, o principe Guilherme, que nasceu em 1882.

MODAS

Damos hoje o modelo de uma linda capota de renda branca, que as leitoras encontrarão reproduzido na gravura do nosso semanario.

A renda branca é applicada sobre renda preta.

Guarnece o chapéu um leque de renda preta, tendo no alto um grande laço de fita, artisticamente collocado.

Nada mais simples e gracioso, como vêem.

Aos olhos do viajante, que desce da estação das Devezas para o rio Douro e se propõe a atravessar a ponte que liga Villa Nova de Gaya com o Porto, desenrola-se um panorama lindissimo, que é composto da parte da cidade, que a nossa estampa de hoje representa.

Passando-se a ribeira, descobre-se a rua de S. João, uma das mais importantes do Porto, e notavel pela igualdade de construção de ambos os lados e pelos estabelecimentos de mercearia e generos coloniaes que ali se ostentam.

Esta rua foi aberta em 1765 e está firmada sobre grossos arcos de pedra, que constituem uma especie de rua subterranea, pela qual passa um pequeno rio, chamado da *Villa*.

Entre os edificios que se destacam na nossa estampa, notam-se o paço episcopal, o convento dos Grillos e a torre dos Clerigos.

O paço episcopal foi reedificado pelo bispo D. fr. João Raphael de Mendonça, no terceiro quartel do seculo passado. Como o terreno em que assenta é desigual, não tem o edificio o mesmo numero de andares em todos os lados: o frontispicio tem dois e casas subterraneas; no meio do segundo estão gravadas as armas dos condes de Valle de Reis, casa a que pertencia D. João Raphael. Tem uma varanda guarnecida de balaustres; e uma escada que, no seu genero, é a melhor de todo o reino.

O convento dos Grillos é o edificio em que está estabelecido o seminario, e dá o nome de *Largo do Collegio* ao largo em que está fundado.

A torre dos Clerigos, a mais alta de Portugal, tem mais de 75 metros de altura. Foi principiada em 1753. Na sua construção e na da igreja, sob a direcção do architecto italiano Nicola-Nasoni, gastaram-se 30 annos.

Uma torna-se notavel pela elevação, pela architectura e pela belleza dos labores; na outra, cujo interior é quasi elyptico, sobressae a capella mór; o pavimento e a tribuna são de marmore.

Na area que é abrangida pela estampa, ha outros edificios tambem importantes.

PERFIS

VII

L U Z

(A ANTONIO MANUEL TEIXEIRA)

E' gentil, e o seu andar
Fascina, prende, seduz;
Tem um doce nome: *Luz*,
E o mais carinhoso olhar.
E' gentil, e o seu andar
Fascina, prende, seduz.

A sua voz é tão calma
Como uma illusão dourada,
E, como *Luz* é chamada,
E' de luz toda a sua alma.
A sua voz é tão calma
Como uma illusão dourada...

O seu amor, finalmente,
Entr'abre as portas do Ceu,
E faz de qualquer atheu
O mais fervoroso crente...
O seu amor, finalmente,
Entr'abre as portas do Ceu.

LUIZ DA SILVA.

Reminiscencias do imperador Guilherme

Repousa emfim no mausoleu de Charlottenbourg o velho imperador Guilherme.

Se tivesse vivido mais alguns dias, o mundo assistiria ao 92.º anniversario do restaurador do imperio allemão.

Do fallecido monarcha pode dizer-se que entrou vivo na posteridade.

Os historiadores consignaram nos annaes os seus menores actos; mas o chronista pode ainda reunir grande numero de reminiscencias do velho imperador, com que se formariam volumes.

Eis algumas d'ellas:

Sendo ainda príncipe imperial, Guilherme I fez um dia uma viagem, de Mayence a Francfort, em caminho de ferro, acompanhado por alguns officiaes subalternos e por um modesto addido de embaixada, que ninguem conhecia então.

Era em agosto; fazia um calor asphyxiante, e todos se viram forçados, incluindo o príncipe imperial, a desabotoar as fardas.

A chegada a Mayence, encontraram as tropas da guarnição formadas na *gare*.

Guilherme abotoou-se immediatamente e preparava-se para descer da carruagem, quando o addido da embaixada lhe disse:

—O que vae fazer, Alteza? Repare que tem ainda um botão desabotoado!

E desprezando as leis da etiqueta, que não permitem que se toque n'uma pessa real, e addido abotoou-lhe o ultimo botão da farda.

—Obrigado, disse-lhe o príncipe; não me esquecerei de que devo a si o não perder a minha reputação aos olhos do exercito allemão.

O joven addido da embaixada chamava-se Bismarck.

O imperador Guilherme ligava uma grande importancia ao uniforme militar e nunca se mostrava ás tropas senão rigorosamente uniformizado. Um dia, estando a conversar com um general, seu ajudante de campo, ouviu os pifanos annunciarem a aproximação d'um destacamento da guarda.

O soberano precipitou-se logo para o seu gabinete de trabalho, uniformisou-se, poz ao peito a medalha do Merito militar e appareceu á janella historica.

Como o general ficasse admirado de tanta cerimonia, o imperador disse-lhe:

—Não devo dar ao exercito o mais pequeno exemplo de negligencia. Fique sabendo uma coisa: é um simples botão desabotoado que indica a desorganisação das tropas.

O fallecido imperador tinha 250 condecorações. Nunca sahia do paço sem levar a estrella da Aguia Negra, no meio da qual se vê o retrato da rainha Luiza cercado pela divisa, em letras esmaltadas, da ordem da Jarreteira. A's vezes, punha tambem a medalha de Merito militar, que ganhára no campo de batalha, a Cruz de ferro e a Cruz russa de S. Jorge.

Durante as manobras e em campanha, Guilherme I não se intromettia nunca nos movimentos do general em chefe. Um dos principes allemães dirigiu-se, por occasião da campanha com a Austria, ao rei da Prussia e requisitou um reforço de cavallaria.

—O conde de Moltke, respondeu o soberano, é quem dispõe de todo o exercito, e por muito favor não supprimiu ainda os soldados da minha guarda. Vá ter com elle.

Muito rigoroso sobre questões de prerogativas regias, Guilherme I era, comtudo, extremamente indulgente para com os humildes.

Um exemplo entre mil:

Certo dia, durante a sua *toilette*, o creado de quarto retirou-lhe, por inadvertencia, a cadeira. O imperador vae assentar-se, e cae de costas. O creado, mais morto que vivo, chora lagrimas como punhos, e supplica perdão, de joelhos.

O soberano contenta-se em responder-lhe:

—Levanta te. Se eu tivesse olhado para traz, não me succedia isto. Para o futuro, sejamos ambos mais cautelosos.

Em 1829 realisou-se o seu casamento com a imperatriz Augusta, filha do grão-duque Carlos Augusto Saxe-Weimar, o protector do mais celebre poeta da Allemanha, Goete.

A imperatriz não foi, porém, o unico amor do fallecido soberano. Guilherme I sonhara ligar-se á princeza Isabel Radziwili,

mas esta, impondo silencio á voz do seu coração, recusou o sacrificio que o príncipe imperial queria fazer da corôa, e encerrou-se n'um convento.

No gabinete de trabalho do velho imperador, entre os retratos dos soberanos e soberanas que ornavam as paredes, notava-se o de uma mulher vestida de religiosa: era a princeza Isabel Radziwili, que renunciando ao casamento, contribuiu para a gloria d'aquelle que tanto amou. Se o príncipe Frederico Guilherme tivesse prescindido dos seus direitos á corôa da Prussia, quem sabe se a unidade allemã chegaria a fazer-se!

O imperador tinha um verdadeiro museu de bonecos, que representavam os soldados de todos os exercitos do mundo com os seus respectivos uniformes.

Quando queria fazer alguma alteraçao no equipamento das tropas allemãs, o soberano consultava o equipamento dos bonecos, enfileirados em taboas pregadas á parede, n'uma grande sala contigua ao seu gabinete de trabalho.

Os soldados a pé e a cavallo, do exercito prussiano, estavam dispostos ao lado dos soldados do exercito francez. Uma alfaiate especial era encarregado de fardar rigorosamente estes inoffensivos homens d'armas.

Krupp offereceu ha tempos ao imperador, uma collecção de peças em miniatura, de obuses, de granadas e de projectis, que completavam este museu original.

CASTOR.

UM CONSELHO POR SEMANA

POMBOS A' FRANCEZA

Passem-se em manteiga a frigar alguns pedaços de toucinho, tirando os quando tiverem tomado cor e pondo na mesma manteiga dois ou tres pombos.

Quando ficarem bem corados, polvilhem-se com farinha de trigo e molhem se com caldo de carne.

Ponha-se então de novo o toucinho e bem assim salsa, cebolinhas, mangerona, um pouco de louro, tudo bem amarrado.

Juntem-se champignons.

Quando os pombos estiverem quasi cosidos, juntem-se mais algumas cebolas pequenas, fritas á parte em manteiga.

Alguns minutos depois, tire-se o ramo de cheiros.

A RIR

Toma se chá em casa de Madame X...; o relógio dá meia noite.

—Meus bons amigos, diz a dona da casa, ha precisamente 25 annos, a esta mesma hora, que eu vim ao mundo.

—Sim, diz baixinho uma das suas amigas, mas ha dez annos que se esquece de dar corda ao relógio!

N'um armazem de antiguidades:

—Então, v. ex.^a não me compra hoje nada? Um capacete da Ejade Media... Uma lança do seculo XII...

—Não, não compro.

—Pois nem o craneo authenticico de Camões?

—Já tenho um!



M DAS

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

(Retribuição ao Ex.^{mo} charadista Funchalense, Frederico I. dos Santos)

Eu conheci um mendigo,
Còxo, manco e aleijado,
Que dizia a quem passava:
—Dae esmola ao desgraçado!

Alguns ricos aváros
Lamentavam o infeliz;
Mas, nem lhe davam sequer,
Uma moeda de XI

Até que, desesperado
Por azar's assim soffridos,
Senta praça o mendicante
N'um batalhão de bandidos!

Hoje é chefe; e já declara
Que os taes Cresus hodiernos
Hão-de todos dar entrada,
Nas profundas dos infernos!

Que a soffrer grandes torturas
Os destina qualquer dia;
Pois já tem canhões montados,
Pr'a uma grande bateria!

Que, depois de bem vingado,
Do seu tempo da indigencia,
Promette ser sempre honrado
E de tal faz penitencia.

Vizeu.

PEQUENO ANTENINHO.

P'los ar's voando, no Brazil, ligeira,
Vaes, charadista, ver naturalmente,
A que começa, vertical primeira.

Quanto á segunda, creio é evidente,
—Eu em taes coisas, mysterios não faço,—
Que n'um pésinho se vê facilmente.

A hor'sontal prima, não é nenhum laço,
Que armado esteja, p'ra cair o amigo;
Mas companheiro de qualquer palhaço.

Nunca a segunda provei, eu lhe digo,
Porém, se um dia estiver *atrado*...
Fique já certo, que lhe chamo um figo.

Na diagonal primeira, es'á provado,
—'té de o dizer, não ha necessidade!—
Que um escudeiro já foi encontrado.

Como o amigo é, dotado de hab'lidade,
Escusa a final de ser revelada:
E eu, como tenho já prompta a charada,
Vou *flamar* um pouco, por *essa cidade*.

Enigma

Quando alguma dama
Me vê mui se escama,
Diz:—Que contratempo!...
Sem pensar, Deus meu!
Resignada, que eu
Sou *fruta do tempo*...

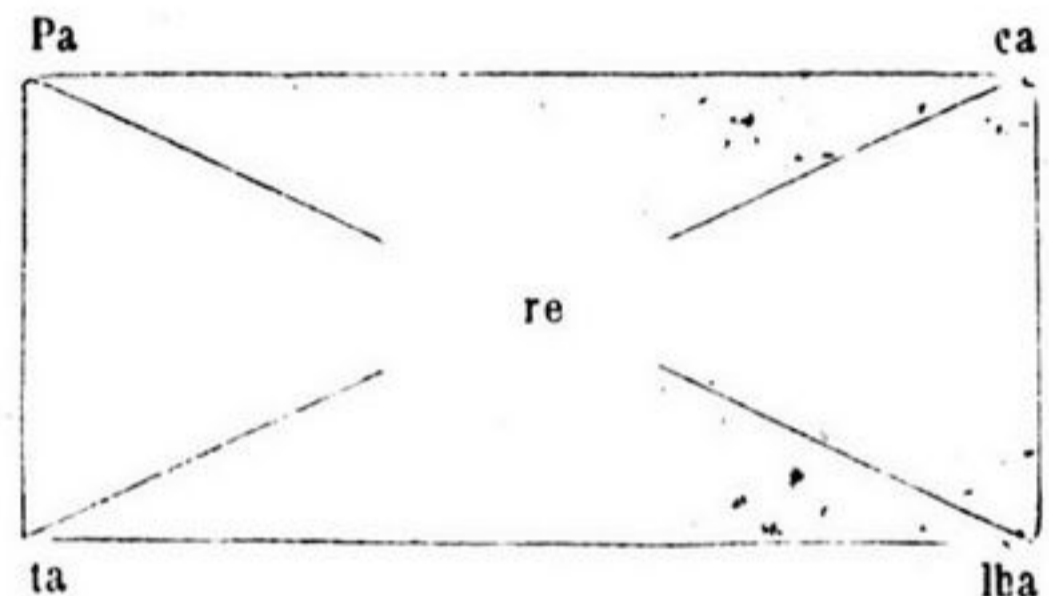
Se acaso é formosa
E d'isso é vaidosa,
—Tal não aconselho!—
Eu muito a entristeço,
Quando lhe appareço
No seu claro espelho...

E aos que eu esmoreço,
—E' triste, confesso,—
Predigo p'ra breve,
Sem,—hão de notar,
Tenção de faltar,—
Das cãs a alva neve...

MATHEUS JUNIOR.

Decifrações

DAS CHARADAS:—Bacalhau—



Vianna — Amalgama — Guarda-rio — Romaria — Lamiré — Sacavem
—Caparica — Pétala.

DOS QUEBRA CABEÇAS:—Luiza—Santo.

A VINGANÇA DE MILADY

(CONCLUSÃO)

Com certeza—murmurou— elle está apaixonado por aquella rapariguita dos Buffos que tem uns olhos muito espertos.

Deu um passo e bicejou.

—Effectivamente—continuou—Aureliano não teve muito mau gosto. E' bem bonita aquella pequena! Tem os cabellos pretos; é bem bonita! Como me hei de eu vingar?

Milady, meio vestida, com um penteador de rendas, sorria com uma pontinha de malicia á deliciosa imagem de mulher que lhe offerecia o espelho fronteiro.

Durante este tempo, o que fazia Aureliano de P...? Almoçava com um bello appetite, em companhia de mademoiselle Eusebia, a rapariguita dos Buffos, que tinha uns olhos muitos espertos, segundo a expressão de Milady.

Aureliano de P... tem vinte e seis annos e cincoenta mil libras de renda. Fuma bellos havanos, monta cavallo arabe *pur sang*, e veste dos melhores alfaiates de Londres.

Difficilmente se explicará como, com tantos merecimentos e com a experiencia que elles lhe deviam valer, M. de P... se tenha apaixonado fortemente pela pequena Eusebia. E' verdade que ella é adoravel com o seu corpinho suavemente gordo de gatinha enroscada, com as suas carnes brancas em que brilham reflexos de prata dourada, como n'uma taça de leite batido pelo sol, com os seus labios polpudos, d'um vermelho sanguineo, e com as suas palpebras napolitanas como que folhadas na casca d'uma laranja; mas muitos outros a tinham admirado sem a amar; e no fim de contas uma rapariga pouco conhecida; impossivel no theatro; mediocre n'uma ceia, fallando pouco e comendo muito, e de quem todos diziam que tinha *lagosta triste*.

O que é, porém, verdade é que elle a adorava a ponto de apparecer com ella nas frizas do theatro, de a levar ao Bois na sua carruagem, de sentir phreneticos ciúmes d'ella e de lhe ter dado um palacete na avenida de Marigny, encantador como um pavilhão de favorita, com as suas vidraças pintadas e com as suas ligeiras varandas onde floresciaam loureiros de Bengala e cactus da China.

Eusebia tambem estava muito apaixonada por Aureliano; regenerára-se, deixára mesmo de ver algumas das suas amigas das mais comprometedoras; de modo que, ridiculo ou não, M. de P... sentia-se feliz, e nada faltava para a sua completa ventura na manhã do rompimento definitivo com Milady, tendo mademoiselle Eusebia, em troca d'este sacrificio, levado a sua condescendencia a ponto de prometter nunca mais tratar por tu o seu cabelleiro.

Mas nunca ha felicidade completa! Na noite seguinte, M. de P... encontrou no quarto de Eusebia uma bengala que lhe não pertencia. Uma bengala, era um indicio revelador!

Interrogada, Eusebia respondeu-lhe:

—Como tu és estúpido!

E fallou-se d'outro assumpto, mas Aureliano deixou de estar tranquillo.

Alguns dias depois, viu no braço d'ella um bracelete que lhe não tinha dado. Era uma joia de valor, notavel principalmente por um camafeu rodeado de perolas, em que se abraçavam dois anjos com as suas azas brancas.

—Onde compraste esse bracelete?—perguntou Aureliano.

—E' falso—respondeu Eusebia, fazendo-se córada.

N'aquella noite Aureliano dormiu mal.

Outra vez, ao canto do fogão, encontrou uma carta. Parecia que mão invisivel, tendo interesse em lhe provar a infidelidade de Eusebia, collocava ao seu alcance as peças accusatorias. A carta datada d'aquelle dia, de manhã, continha cinco palavras.—Estarás tu só esta tarde?—com uma calligraphia muito fina e uma assignatura que de proposito se fizera illegivel.

A primeira idéa de Aureliano foi estrangular Eusebia; a segunda de se enforçar; e a terceira, que pôz em execução, a de esperar até á tarde e surprender os culpados.

Disse a Eusebia:—Esta noite venho mais tarde—. E foi para sua casa onde passou a examinar a lamina d'um bello estyete que comprara em Veneza e a carregar um revolver que mandara vir de New-York; porque M. de P... é muito irascivel; dramaturgo, encheria certamente de sangue os desenlaces.

Pelas dez horas da noite dirigiu-se a pé á avenida de Margni.

Deante do palacete estava parado um coupé sem braços. O cocheiro adormecera no seu carrick em que se conchegara até ás orelhas, e era imprudente accordal-o. Aureliano lembrou-se de já ter visto na almofada d'alguma carruagem a ponta do grosso nariz vermelho sahir frio da gola do casaco, mas não podia affirmal-o bem.

Via-se luz apenas n'uma unica janella d'uma salazinha do rez de chaussée, que tinha as outras para o lado do jardim e onde havia redes para as séstas do mez de junho. Eusebia tinha perdidicção por aquella sala e agrada-lhe-ia receber ali o seu amante.

M. de P... abriu a porta do jardim, sem fazer ruido; e aproximou-se das janellas; mas os stores estavam cahidos. Não podendo espreitar por aquella lado, avistou a porta da arrecadação entreaberta, empurrou-a o preciso para poder passar, atravessou a cosinha, a casa de jantar, e, chegado á ante camara, aproximou-se ás apalpadellas do quarto suspeito, cuja luz se escapava por debaixo da porta. Sem respirar, muito de manso, applicou o ouvido. A principio nada ouviu, mas d'alli a pouco sentiu ruido de seda cahindo d'um movel, depois duas vozes a rir ao mesmo tempo. Reconheceu a de Eusebia, e a outra não lhe era desconhecida. O traidor era sem duvida algum dos seus amigos. Uma voz muito velada, muito doce, singular. Fallavam baixo, mas como elle queria ouvir para obter completa certeza, ficou ainda a escutar.

Por fim chegaram lhe aos ouvidos as seguintes palavras um pouco confusas:—Minha querida Eusebia!

Não teve forças para mais; e agarrou violentamente no puxador da porta, mas tinham-lhe corrido os fechos.

No quarto houve um grande ruido, de cadeiras que cahiam, e abrir de janellas. M. de P... que era muito robusto, forçou a porta, e chegou no momento exacto em que, puxada pelo lado de fóra, se fechava uma das janellas sobre o jardim. Um chapéu de homem estava sobre um movel, ao lado d'uma bengala, a mesma que encontrara dias antes.

Eusebia, aturdida, escondia a cara no vestido. Aureliano, não se conhecendo a si proprio, voltou ao jardim em perseguição do seu rival; mas este levava deanteira e já estava fechando a porta do jardim, rindo a bandeiras despregadas.

N'um pulo, M. de P... chegou á rua e ponde lobrigar o fugitivo que subia para a sua carruagem. Era um rapaz muito louro e muito pallido.

—Pare! gritou Aureliano. O coupé já, porém, partira. O que fazer? M. de P... foi atraz d'elle e fazendo esforços desesperados, alcança-o e senta se na trazeira. Situação absurda!

Os cavallos continuavam a trote largo e era impossivel saltar e abrir a portinhola. De vez em quando umas gargalhadinhas chegavam aos ouvidos do ciumento, que rangia os dentes. Era, porém, necessario esperar que a carruagem parasse. As gargalhadas continuavam, e elle encheu-se de toda a paciencia.

O coupé acabava de voltar para a chaussée d'Antin e rodava mais devagar, M. de P... ficou estupefacto.

O que haveria para elle de extraordinario em morar o amante da sua amante n'aquella rua?

Os cavallos pararam deante do n.º 31. Aureliano deixou rapidamente o seu ridiculo logar e precipitou-se furiosamente sobre o seu rival, que descia da carruagem. Mas este, pouco commovido, perguntou-lhe com uma voz muito doce:

—Como tem passado desde que não tenho o prazer de o vér?

—Milady! Julietta! A senhora!...

CATULLE MENDÉS.

SEGREDOS DO CAMPO

Os campos tinham essa extensão infindavel de várzea opulenta e a quietude beatifica das tardes de verão; a amplitude serena e morna que convida a alma a scismar na grandeza da criação; a côr verde e ouro como um vestido de fada, que dá um tom quente á paisagem.

Pasciam na collina verdejante as rezes gordas e pacificas na doce liberdade do ar livre, sob a guarda vigilante do pegureiro, estendido á sombra d'um toldo de folhagem, improvisado por elle para o resguardar dos raios do sol.

Tinha quatorze annos o rapaz, e na sua physionomia ao mesmo tempo doce e intelligente, espalhava-se o reflexo de uma melancholia que vinha d'alma e não podia de modo nenhum confundir-se com a impassibilidade triste, que caracteriza a gente do campo,

Em que scismava o rapaz, estirado de costas, no solo, os olhos no vacuo? Seria amor? Mas n'aquella idade! Seria fome? Mas junto d'elle jazia cahida a faca e o pão de milho, intacto.

Subitamente, notou com surpresa que o seu cão, o seu fiel amigo, não se achava junto d'elle. Ergueu-se apressado e receioso. E alongou os olhos pela campina. Tudo dormia n'um silencio de deserto. As rezes, deitadas, não faziam um unico movimento; os novilhos saltavam contentes no circulo traçado pelas manchas escuras das vaccas corpulentas. Somente o cão, não apparecia

La o juvenil pastor pôz-se a caminho para o procurar, associando, quando o viu repentinamente descer uma collina fronteira, perseguindo de perto, um homem andrajoso, mixto de ladrão d'estrada e de mendigo.

A curiosidade picava o nosso pequeno pastor, e foi com um olhar ansioso que seguiu as peripecias da lucta, caminhando entretanto para o homem e para o cão, com esse passo vigoroso e seguro que distingue o camponio reflexivo e prudente.

Mas o mendigo ou ladrão tinha avistado o pastor, e parecendo não desejar muito esperar que elle o viesse libertar dos dentes do seu cão, atirou repentinamente a centesima cacetada á cabeça do fiel molosso, acertando lhe na ponta do focinho, a parte mais sensivel que os cães possuem.

O nobre animal deu uma revira volta e ficou estendido, inanimado.

O pastor viu tudo isto, e um rugido de colera sacudiu-lhe o peito robusto.

—Espera ahí, que já te arranjo, malandro! exclamou elle, transportado de raiva.

E caiu como uma balla, a fundo, sobre o grupo. Não corria, voava. O varapau nodoso que levava na mão, servia-lhe para duplicar a celeridade da carreira; fincava-o no chão e dava enormes saltos de vara larga.

Pelo seu lado, o salteador ou mendigo não perdia tambem o tempo a esperal-o heroicamente, e voava em retirada.

—Cobarde! murmurava, com os beiços lividos, o rapaz, correndo e saltando sempre, até que o alcançou.

Então, travou-se entre aquelles dois homens, um robusto e pesado, e o outro fraco, mas com a agilidade da infancia, uma lucta medonha, instictiva, por não saberem bem porque se batiam.

Os dois varapaus erguiam-se no ar, cruzavam-se, abaixavam-se, varriam o chão, faziam saltar a terra em pennachos de poeira; quando, ubitamente, o que parecia mendigo soltou um grito de dor e olhou surprehendido para traz, pondo-se imprudentemente a descoberto.

Fôra o cão, que tornára a si e se lançára sobre elle, mordendo-o n'um artelho. Por este motivo não ponde o homem parar uma bordoadada que lhe vibrava á cabeça, o rapaz, e caiu redondamente banhado em sangue.

Teve grande pena, o pastor, para o livrar do cão furioso, e quando o mendigo o viu inclinar-se sobre elle para lhe examinar a ferida, disse-lhe com voz flébil, julgando-o pelo seu proprio instincto:

—Não me mates!

Era uma revelação. O rapazito fez um gesto de espanto e exclamou:

—Eh! meu pedaço d'asno! Julgas-me algum mitalor como tu?

Esta resposta sincera e energica pareceu tranquillisar o des-

conhecido, porque desviou toda a sua atenção para o cão, que continuava a ladrar-lhe furiosamente.

O pastor curvou-se então para elle e fazendo em tiras um lenço que lhe viu ao pescoço, ligou-lhe fortemente a cabeça.

O homem murmurou:

—Isto está bom, agora. Pódes-te ir embora. Muito obrigado.

Conheceu o joven pastor que a sua presença era demais ali, e retirou-se vagarosamente na direcção das suas vaccas; mas notou que o cão não o seguia, antes tomava para o alto da collina, parando, olhando para o dono e uivando. Intrigado, parou e poz-se a interrogar o cão com a ingenuidade de uma creança que era:

—Que é isso, Fiel?

O animal, agitando a cauda freneticamente, uivava com desespero.

O pastor decidiu-se a segui-lo. Galgaram ambos até ao alto da collina. Ali, o pastor espraicou a vista pelos campos e viu as

—Conta-me tudo o que te succedeu.

A rapariga, com as mãos sobre os olhos, ora soluçando, ora indignando-se, em combate com o pudor proprio do seu sexo e idade e com a semceremonia e ingenuidade selvagem de uma filha dos campos, contou minuciosamente, como acabava de ser violada pelo infame ladrão e mendigo d'estrada.

Por unica resposta, o pastor ergueu se livido e correu para o lugar onde suppunha encontrar ainda o desconhecido, mas o homem desapareccera.

O rapaz voltou desapontado para junto da sua protegida. Esta, que o tinha seguido com a vista, quiz saber o que elle procurava.

Contou-lhe o Antonio o que ella não sabia, por ter desmaiado.

—E se tu o encontrasses, o que lhe fazias? perguntou a rapariga, olhando-o profundamente.

—Matava-o, respondeu o rapaz laconicamente.

Havia tanta virilidade, tanta energia, tanta nobreza d'alma no tom d'esta resposta, que a rapariga ficou desde aquelle ins-



UMA VISTA DO PORTO

pacíficas vaccas da sua vizinha, a Maria Joaquina, muito tranquilladas, espalhadas, a repousar.

Mas o cão puxava-o para um monte de pedra de uma parede derruida, que mascarava uma porção do terreno. Dirigiu-se para ali, e logo, um espectáculo inesperado se lhe deparou.

No solo, desmaiada, jazia uma rapariga da idade d'elle, toda descomposta e ferida, a julgar pelo sangue que se lhe via nas roupas. Era a guardadora do gado, a propria filha mais nova da Maria Joaquina.

O Antonio—tal era o nome do nosso pastor—era um simples rustico, honesto e bom. Desde muito pequeno orfão, tinha entrado ao serviço de um lavrador, aprendendo, na escola rude da servidão e humildade, a respeitar todo o mundo. Era por isso, tambem, compassivo.

O seu primeiro impeto foi o de se retirar discretamente, mas o desmaio da pobre pequena commoveu-o; e erguendo-a por debaixo dos braços, sentou-a, encostada aos escombros do muro, e tomando a jarrinha com agua que ella tinha ao seu lado, banhou-lhe o rosto formoso, d'onde tinham fugido as rosas delicadas.

Voltou a esbelta rapariga a si, e vendo o pastor, soltou um grande grito de terror.

O Antonio, summamente surprehendido, olhava-a.

—Metto-te medo, rapariga? disse elle.

Ao som d'aquella voz juvenil e conhecida, a rapariga pareceu voltar a si, de um sonho cruel.

—Não! não! retucou ella n'uma voz clara e breve, e rompeu em soluços.

O Antonio sentou-se ao lado d'ella, meigamente, para lhe inspirar toda a confiança, e disse-lhe com bondade:

tante captiva de admiração pelo Antonio, e os seus grandes olhos castanhos e os seus labios a que tinha voltado a côr, moviam-se em sorrisos deliciosos.

E depois de uma pequena pausa, ella perguntou:

—E tu, conhecel-o?

—Nunca o vi. E tu?

—Tambem é a primeira vez que vejo aquelle malvado, para infelicidade minha.

E a pobre pequena entrou a soluçar. Aquella aventura tinha-lhe aberto repentinamente os olhos, adiantando a sua emancipação.

O Antonio, que até áquella tarde fatal se tinha apenas limitado a saudar a rapariga, quando a encontrava, sentia agora por ella uma grande compaixão e interesse.

—Tu és bonita, disse elle de repente, e precisas de alguém que vele por ti, n'este descampado. Conta commigo.

A interessante pequena olhou-o longamente, como só as mulheres sabem olhar, mesmo quando são guardadoras de gado, e estendendo para elle a fronte ainda não crestada, abriu os braços em que o Antonio se precipitou, apertando-a d'encontro ao coração e dando-lhe o primeiro beijo d'amor.

D'ali em diante, guardavam o gado juntos, e de commum accordo resolveram sepultar entre elles o segredo da aventura do ladrão ou mendigo. Por espaço de quatro annos, amaram-se doidamente, até que findaram por se casar, como toda a gente.

Somente, quando ladra algum dos seus cães, o Antonio não pôde reprimir um sobresalto, e como a esposa é muito rova e bonita, corre logo a verificar o que é.

JOSÉ MARIA DA COSTA.